

## POÉTICAS EXPERIMENTAIS DO VÍDEO COMO MICRO-INTERVENÇÃO

JÉSSICA THAÍS DEMARCHI<sup>1</sup>; CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jessicathaisdemarchi@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – claudiohifi@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Pretende-se elucidar por intermédio do resumo aqui exposto, uma parcela da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida no contexto do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (linha de pesquisa: Ensino de Arte e Educação Estética) da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

Nesse sentido, foi desenvolvido um programa de oficinas de vídeo experimental direcionado ao ensino de Arte. O objetivo basilar de tal projeto consiste na desestabilização de determinados artifícios de estandardização das subjetividades presentes na grande mídia, sobretudo nos veículos que se valem da linguagem audiovisual, como a televisão. A análise desses mecanismos cumpre-se com embasamento na visão da filósofa brasileira Marilena Chaui (2006), que por sua vez lança um olhar crítico para segmentos de modelização das mentalidades presentes no aparato midiático tais como a classificação dos conteúdos, a encenação, a manipulação da opinião pública e os materiais destinados ao tempo livre.

Para discutir essas configurações de pretenso controle sob os encadeamentos subjetivos da população, também são evocados outros pensadores como o francês Guy Debord (1996) e o alemão Theodor Adorno (2016) a fim de problematizar alguns aspectos da sociedade espetacularizada e da indústria cultural que continuam infiltrados no tecido social contemporâneo. É proposto assim, um resgate dos argumentos desses autores em uma tentativa de reoxigená-los e repensar algumas críticas com vistas a buscar possibilidades de resistência em relação à determinadas formas de opressão que nos afligem, tais como a homofobia, a desigualdade de classes e o machismo.

O programa de oficinas de vídeo experimental surge com o desejo de realizar uma micro-intervenção que justamente configure meios pelos quais seja possível lançar um olhar questionador para a grande mídia em relação à produção de subjetividades uniformizadas nutrida em alguns casos. O pensamento ecosófico presente no discurso do pensador francês Félix Guattari (2001) introduz-se no projeto como fonte de inspiração, visto que defende o potencial de micro-intervenções que se contraponham às manifestações de preconceito e às formas de exploração do povo. Além disso, o autor fala que para tanto, é de extrema importância que haja uma busca e valorização do novo, do diferente e das asperezas e peculiaridades dos agenciamentos subjetivos, conectando-se assim ao âmago das oficinas de vídeo experimental.

### 2. METODOLOGIA

A realização das oficinas se desenvolve através de um fio condutor experimental e são abertas à cisões realizadas pelos participantes. São levadas para a sala de aula algumas provocações que pretendem desencadear discussões referentes à assuntos de importância social e individual. Essas

provocações serão abordadas através de exibição de videoartes experimentais, excertos de programas televisivos e vídeos que circulam nas redes sociais e que tocam de alguma forma nos tópicos a serem debatidos. A seleção dos vídeos se dará de forma a tentar trazer diferentes enfoques e pontos de vista em relação aos assuntos abordados. No decorrer do processo, serão realizados diálogos e dinâmicas para que os estudantes possam dar sua opinião e relacionar os tópicos com suas experiências rotineiras ao passo que questionam a parcialidade dos grandes veículos de mídia audiovisual. Assim, os discentes irão fazer proveito dessas experiências como “alimento” para a realização de seus vídeos experimentais.

Apesar de ter-se esboçado um plano geral destinado a guiar a estruturação das oficinas, tanto a sua execução quanto a elaboração da pesquisa em torno da sua realização insuflam-se pelo método da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015), (ROMAGNOLI, 2009).

A grosso modo, o método cartográfico de pesquisa, proposto por Deleuze e Guattari, objetiva trabalhar a subjetividade em pesquisas de campo que se constroem em constante processualidade, permitindo que os acontecimentos do percurso de investigação integrem-se e alterem o estudo. A cartografia constitui uma ferramenta de investigação bastante interessante visto que pretende englobar a complexidade em um movimento no qual, ao apontar problemas e buscar esmiúçar o coletivo de forças que age em determinada situação estudada, esforça-se para não se deixar enclausurar em padrões reducionistas. "Contudo, mais do que procedimentos metodológicos delimitados, a cartografia é um modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo" (ROMAGNOLI, 2009, p. 169).

A produção de dados para a pesquisa decorre de uma análise (de elementos técnicos e subjetivos) dos vídeos produzidos pelos participantes das oficinas e da reflexão acerca das experiências e diálogos engendrados durante o percurso de realização das mesmas. O registro detalhado desses elementos é feito por meio de um diário de bordo, que contém, como indicam as autoras Barros e Kastrup (2015, p. 70): “relatos regulares, após as visitas e as atividades, que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo”.

Durante o percurso, algumas modificações são realizadas em função de ações feitas pelos participantes e outros acontecimentos que surgem no caminho. No ato do encontro com a turma participante das oficinas, não existem objetivos fixos e rígidos a serem alcançados. Barros e Kastrup (2015, p. 53) constatam que “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. Desse modo, o trabalho aqui brevemente apresentado norteia-se por uma proposta flexível que se constrói na coletividade do grupo, na relação de agenciamento entre indivíduos heterogêneos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, o programa de oficinas de vídeo experimental foi executado na disciplina de Ateliê de Artes do Vídeo da Universidade Federal de Pelotas, com uma turma que contou com alunos das graduações em Artes Visuais (licenciatura e bacharelado) e em Cinema.

Corroborando os argumentos dos autores analisados, foi possível perceber que a dinâmica criada para as oficinas foi bastante eficiente no sentido de subsidiar e estimular os alunos em um processo de valorização das diferentes

formas de expressão das subjetividades e de problematização da manipulação nutrida na grande mídia audiovisual.

Ideias como empatia, solidariedade e resistência frente às tentativas de manipulação da opinião pública foram exploradas através de dinâmicas de grupo e diálogos carregados de uma potencialidade que culminou em obras videográficas que prestigiam a diferença e o incomum. Através dos discursos audiovisuais e dos relatos dos participantes, foi possível constatar que os pensamentos discutidos em aula surtiram reflexo nas suas relações com as pessoas ao seu redor e em suas práticas como artistas e professores. Houve um movimento no sentido de um ativismo que tenciona criar mecanismos de embate frente às investidas da pretensa padronização dos corpos e mentalidades (que consequentemente, isola ou exclui as minorias).

A experiência gerou uma mostra com os vídeos realizados pelos alunos, na qual eles puderam compartilhar seus trabalhos com a comunidade em geral e conversar com o público a respeito de seus processos de criação. Além disso, estamos dando início à elaboração de um programa televisivo com os vídeos produzidos, que por sua vez será veiculado por canais educativos (até o momento o canal que se disponibilizou a veiculá-lo foi a FURG TV). Assim, pretendemos atingir ainda mais pessoas com esses vídeos que prestigiam o novo, levando para a televisão essas visualidades subjetivas que se diferenciam daquelas convencionalmente exibidas pelo aparato.

#### 4. CONCLUSÕES

Tendo em vista que a realização do programa das oficinas de vídeo experimental foi concluída muito recentemente, as informações e materiais produzidas estão em fase inicial de análise para a produção de dados, fazendo com que seja pouco viável o apontamento de conclusões finais.

Pretende-se, posteriormente à análise que se encontra em curso dos resultados da primeira experiência com as oficinas de vídeo, que seja possível gerar novas ramificações do projeto a fim de aplicá-lo com diferentes grupos de pessoas e estendê-lo à educadores que desejem realizar a ação com suas turmas.

Iniciar-se poderá assim, uma rede de disseminação de valores como a solidariedade sincera (não aquela espetacularizada presente em certos programas midiáticos) através da prática artística videográfica, ao mesmo tempo em que se constrói um movimento de inquietação e desnaturalização das ferramentas e estratégias das quais a grande mídia dispõem para produzir efeitos de uniformização das subjetividades.

A ação vislumbra-se como micro-intervenção necessária sobretudo em um momento de crise política que o Brasil vive, no qual as ideologias e determinadas medidas governamentais que configuram malefícios e formas de exclusão para a vida da população são muitas vezes vendidas ao povo através de máscaras distorcidas veiculadas no meio midiático.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO. Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder:** uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

DEBORD. Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.

ROMAGNOLI, Roberta. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, ago. 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.